

REFLEXÕES SOBRE TÉCNICA E ESPAÇO NA EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL*

REFLECTIONS ON TECHNIQUE AND SPACE IN NON-FORMAL EDUCATION

CARLOS SILVA DE JESUS**

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA CELSO SUCKOW DA
FONSECA, BRASIL

UELITON DA COSTA LEONIDIO***

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PETRÓPOLIS, BRASIL

JONATAN ROCHA GOMES****

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
SUDESTE DE MINAS GERAIS, BRASIL

HELTON NONATO DE SOUZA*****

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
SUDESTE DE MINAS GERAIS, BRASIL

CRISTINA GOMES DE SOUZA*****

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA CELSO SUCKOW DA
FONSECA, BRASIL

VANESSA CRISTINA DOS SANTOS*****

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PETRÓPOLIS, BRASIL

* Artigo recebido em 01/11/2018 e aprovado para publicação pelo Conselho Editorial em 30/11/2018.

** Doutorando em Engenharia de Produção e Sistemas pelo CEFET/RJ, Brasil. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/4758269363282395>. Email: carlos.jesus@cefet-rj.br.

*** Mestre em Administração pelo IBMEC - RJ, Brasil. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/9964870938081219>. Email: uleonidio@gmail.com.

**** Mestrando em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais, Brasil. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/6001616180453157>. Email: jonatanrg11@gmail.com.

***** Doutor em Environmental Sciences da Wageningen University and Research Center, Holanda. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/2056264615309863>. Email: helton.nonato@ifsudestemg.edu.br.

***** Doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/4661682733889089>. Email: crisgsouza@gmail.com.

***** Doutora em Economia pela Universidade Federal Fluminense, Brasil. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/2826092566302609>. Email: vanessamaths@yahoo.com.

Resumo: O presente artigo aborda os conceitos de espaço e técnica, apresentados por Santos (2014) e Pinto (2008), respectivamente, a fim de discutir o espaço característico da educação não-formal e as técnicas observadas enquanto modalidade que oportuniza à formação do sujeito a transformação de si mesmo e da realidade a que pertence. A partir de uma abordagem reflexiva, do texto se infere que a educação não-formal se apresenta como modalidade aliada à formal dado seu potencial de conduzir o educando de conteúdos sistematizados para uma atitude coletivo-reflexiva, com empregos de técnicas e espaços próprios à dinâmica social em que se dá a formação integral de um indivíduo que se pretenda inovador e transformador.

Palavras-chave: Educação não-formal. Técnica. Espaço.

Abstract: Approaching the concepts of space and technique presented by Santos (2014) and Pinto (2008), respectively, the present article discuss the space and technique of non-formal education considered as a facilitator education modality in the formation of the individual transformation oneself and the reality to which it belongs. The text by reflexive approach, allows to infer that non-formal education presents itself as an allied to formal modality given its potential to lead the student from systematized contents to collective-reflexive attitude, using technical and spaces appropriate to social dynamics, aiming an integral formation of the subject who intent itself to innovative and transformative.

Keywords: Non-formal education. Technique. Space.

1. INTRODUÇÃO

Em uma de suas obras de maior notoriedade, Freire (2011) discute o papel modificador e emancipador da educação no sujeito à medida que o coloca em contato com sua realidade, recriando-a pela sua observação e intervenção. Paralelamente a essa discussão há pesquisas e indagações trazidas por Afonso (1989) e Gohn (1997, 2001, 2006) que retratam os desafios postos para esta área de conhecimento em contínua construção, sobretudo quanto às diferentes modalidades da educação. Neste cenário, a educação não-formal é apresentada enquanto modalidade com potencial de oferecer, além da capacitação técnica, o desenvolvimento da criatividade e da capacidade humana de projetar-se e inovar-se na interação com a sociedade, indo ao encontro dos preceitos de uma educação emancipadora, pretendida na atualidade.

Enquanto alguns autores enfatizam a diferenciação entre as modalidades de educação existentes (cf. Sposito et al, 2008; Garcia, 2009; Passos et al, 2012; Carneiro et al, 2013), inclusive a formal e não-formal, outros como Gohn (2001, 2006) aprofundam e aproximam os aspectos práticos da sua aplicação contextualizando-as nas dimensões das necessidades humanas, apontando a discussão sobre a organização e a composição do processo de

aprendizagem. Percebe-se que são relativamente recentes os estudos e concepções teóricas a respeito dos termos relacionados a uma educação que não seja a formal (Nascimento; Sgarbi, 2015). Além do mais, para a promoção desta modalidade de ensino, os espaços educativos não formais e também a conceituação técnicas inerentes às suas práticas se configuram como ideais às atividades diferenciadas e multidisciplinares, na medida em que é possível explorar e integrar aspectos ambientais, sociais, históricos, culturais e políticos dentro de um mesmo ambiente.

Com isso, pretende-se aqui discutir e refletir sobre o espaço destinado à educação não-formal, evidenciando os aspectos técnicos manifestados enquanto modalidade para a formação do sujeito e que propicia transformações da realidade individual e coletiva.

2. A EDUCAÇÃO LIBERTADORA

A educação considerada em seu potencial libertador é a que permite ao indivíduo a tomada de consciência da realidade e da sua própria capacidade para transformá-la. O conceito de educação libertadora surge com o educador Paulo Freire que provocou grandes reflexões sobre as práticas educacionais e estimulou a aprendizagem baseada na interpretação da realidade do educando, levando-o a questioná-la e interpretá-la mediante sua interação com ela. Neste sentido, o educador estabelecia o diálogo como ferramenta para trilhar o caminho para a descoberta do mundo pelo homem, enquanto este toma consciência de si e do seu meio. Segundo Freire (2011, p. 48): “a realidade não pode ser modificada senão quando o homem descobre que é modificável e que ele o pode fazer”.

É mediante o conhecimento de sua realidade que o ser humano experimenta a necessidade de transformação. O olhar crítico para a sociedade lhe permite conhecê-la e entender a dinâmica das relações da qual ele é parte. A educação aprova o exercício soberano do ser humano na busca pelo desconhecido ao mesmo tempo em que utiliza a via do conhecimento para garantir-lhe a intenção de descobrir-se a si mesmo. Mais do que aprender, é fundamental ao sujeito que pretende ser protagonista e não mero observador da sua realidade, transformar as condições que lhes são propostas e que porventura não lhes satisfazem. Em contato com o ambiente, no entendimento da sociedade, na descoberta do seu papel e no diálogo com o outro se dá o processo libertador pela aprendizagem. Para Freire (2011) nós aprendemos não apenas para nos adaptar, mas, sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, para recriá-la. Através da educação, a pessoa lança o olhar

sobre o novo e tem condições para associá-lo a elementos conhecidos e transformá-los, enquanto transforma a si mesma.

A alusão ao termo educação atrai “ingenuamente” o olhar para o contexto escolar manifesto historicamente na educação formal. Deveria a educação, eivada de características transformadoras e libertadoras, estar limitada ao universo físico escolar? De acordo com Gohn (1997), educação é uma forma de ensino/aprendizagem adquirida ao longo da vida de uma pessoa inserida regularmente na sociedade, por meio da leitura, da interpretação e da assimilação dos fatos e dos acontecimentos que se revelam aos indivíduos de forma isolada ou em contato com grupos e organizações no espaço em que se vive.

Inferese que a atividade educacional não ocorre apenas no espaço formal. O pensamento expresso por Gohn (1997, 2006) dialoga com a educação libertadora defendida por Freire (2011), já que tem como foco a interação do cidadão com a sociedade enquanto se processa a aprendizagem. A interpretação dos fatos tem relação estreita com o diálogo, assinalado pelos defensores da educação libertadora como a leitura crítica que a pessoa faz do seu meio. Tal relação é tanto individual quanto em grupo, pois as reflexões derivadas dela têm efeito na modificação do sujeito bem como na organização de sua comunidade.

A educação que pretende ser libertadora não se restringe ao universo escolar e não se limita ao ambiente e ao tempo. Essa pode ocorrer também fora da escola e superar a estrutura convencional no cumprimento do seu papel de viabilizar a aprendizagem pela transformação do sujeito em interação com a realidade. De tal forma a complementaridade entre os tipos de educação tendem a formar um *continuum* sem que sejam necessariamente separados os aspectos da aprendizagem (Marandino, 2017). Esta dinâmica de aprendizagem vai também ao encontro do conceito da transversalidade, que de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) é definida como a possibilidade de se estabelecer, na prática educativa, uma relação entre aprender os conhecimentos teoricamente sistematizados na e da realidade de tal forma articulados com as questões da vida real (Brasil, 1998).

O processo de aprendizagem através da educação não-formal proporciona ao sujeito a capacidade de aprimorar sua relação com a realidade em que está inserido. Através da interação com os grupos sociais aos quais pertence, e por meio dessa interação é gerado um processo educativo fruto da realidade material de sua relação com o mundo, o que lhe permite ir além dos conteúdos sistematizados nos currículos escolares que o colocam apenas na condição de expectador da realidade, para uma condição emancipatória do sujeito que o leva a uma atitude coletivo-reflexiva.

3. ASPECTOS DA EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL

O processo de educação pode dar-se nas seguintes modalidades: educação formal, educação informal e educação não-formal. Para Gadotti (2005) a educação formal é compreendida como a modalidade de educação organizada com uma determinada sequência e proporcionada pelas escolas e universidades, enquanto que a designação informal trata-se de um verdadeiro processo realizado no decurso da vida do indivíduo, constituindo-se num processo permanente, porém não organizado. Já a educação não-formal, embora obedeça também a uma estrutura e a uma organização distintas do que ocorre nas escolas uma vez que não ocorre a fixação de tempos, locais sendo flexível a adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo concreto.

Severo (2015) apresenta e amplia para o conceito de educação não escolar por considerar estarem nele incluídas as modalidades já citadas, se referindo mais aos espaços e contextos não convencionais em que ocorre o processo educacional, seja fora ou além da escola. Já Sposito et al (2008, p. 95) que enfatiza o processo de livre e contínua adesão pelo sujeito, prefere adotar a expressão ‘não escolar’ por considerar limitada e inadequada a expressão ‘não-formal’, que no seu entendimento não designa as “modalidades diversas de oferta educativa para além do sistema escolar”. Muitas dessas práticas são formais porque envolvem conteúdos, planejamentos e institucionalização.

Se na educação formal existe atenção à estrutura curricular e à restrição quanto ao tempo e lugar, a educação informal vincula o aprendizado ao potencial da experiência humana que não possui uma delimitação de interesses e nem um sistema necessariamente complexo. Por analogia, observa-se que o conceito de educação não-formal é inovador e mantém estreita relação com o sentido libertador da educação. De toda forma, distingue-se da educação formal por não estar nela inserida e não ser tomada como alternativa ou substituta (Garcia, 2009; Carneiro et al., 2013).

A natureza produtiva e inovadora da educação não-formal enquanto modalidade de educação visa complementar e ampliar o universo escolar da versão formal, se destacando pela ausência da rigidez curricular e das verificações e avaliações de aprendizagem convencional (Alves Filho, 2007). A educação não-formal assume neste sentido um papel, de fato, complementar, mas singular na formação do indivíduo na medida em que lhe propõe uma opção ampliadora das experiências acadêmicas, abrindo a oportunidades de melhores e

maiores interações do conhecimento e a um pensar diferente, mesmo sobre objetos e espaços comuns, no que se alinha o que Waibort (2015) considera a principal virtude das universidades.

Neste contexto é próprio questionar a que necessidades a educação não-formal visaria atender e que tipo de experiências são disponibilizadas por ela para fomentar o argumento da educação libertadora. Gohn (2001, p. 106-107), analisando a educação não-formal, afirma que ela abrange pelo menos quatro dimensões:

- a *aprendizagem política* ocorre quando há “conscientização dos indivíduos para a compreensão de seus interesses e do meio social e da natureza que o cerca”. O ensino nasce na consciência política e desenvolvimento da percepção da cidadania, provocando no sujeito a discussão de sua realidade e convocando sua participação para a formação de uma sociedade integrada.

- a *capacitação para o trabalho* se dá “por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades”. A formação da sociedade interage com a formação do indivíduo. É pelo trabalho e incentivo à descoberta das habilidades profissionais que o educando pode contribuir para o crescimento econômico da sua comunidade.

- as *práticas de organização comunitárias* fomentam “a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários”. A educação, além de ser elemento inclusivo, é também agregador da sociedade mediante a fixação de valores e costumes de um grupo;

- a *aprendizagem dos conteúdos* da escolarização formal, escolar, em formas e espaços diferenciados, confere o caráter de complementaridade entre a educação não-formal e a educação formal.

Ao entender o processo diferenciado da educação não-formal e tendo analisado as dimensões por ela abrangida, é possível aduzir que as características distintivas desta modalidade estão no espaço em que se dá e nas técnicas empregadas a fim de ressaltar o caráter libertador da educação.

Assim, segundo Gohn (2001) as categorias de espaço e tempo também têm novos elementos na educação não-formal porque usualmente o tempo da aprendizagem não é fixado a priori e são respeitadas as diferenças existentes para a absorção e reelaboração dos conteúdos, implícitos ou explícitos, no processo ensino-aprendizagem. Como existe a flexibilidade no estabelecimento dos conteúdos, segundo os objetivos do grupo, a forma de operacionalizar estes conteúdos também tem diferentes dimensões em termos de sua

operacionalização. Assim, o espaço também é algo criado e recriado segundo os modos de ação previstos nos objetivos maiores que dão sentido ao fato de determinado grupo social estar se reunindo.

As aplicações de tempo e espaço no âmbito da educação não-formal ocorrem em um contexto de dinamicidade com o meio social, pois podem sofrer alterações em conformidade com a consecução dos objetivos de determinado grupo. É possível destacar ainda que o processo de aprendizagem não está restrito ao meio da educação formal desenvolvida nos ambientes institucionais, podendo acontecer em diferentes espaços. Do mesmo modo, tanto a educação não-formal quanto a informal podem ocorrer em espaços totalmente distintos (Silva et al, 2016).

Compreender o mundo entre os diversos aspectos que fazem parte da vida social do estudante é condição necessária para que ele alcance uma formação integral, ou se seja, a formação do indivíduo considerada em suas condições e características física, mental, cultural, política e científico-tecnológica. Segundo Ramos (2007) ocorre a formação dos sujeitos que implica a integração dos aspectos fundamentais da vida que se baseiam na prática social e envolve o trabalho, a ciência e a cultura. Neste sentido, o trabalho é entendido como a realização humana no seu sentido ontológico, como prática econômica no sentido histórico, a ciência compreendida como o conhecimento da humanidade; e a cultura, que corresponde aos valores éticos e estéticos que orientam as normas de conduta de uma sociedade.

4. A TÉCNICA E O ESPAÇO NA EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL

Se a técnica e o espaço utilizados no processo de ensino são os elementos que distinguem a educação não-formal das demais modalidades e avaliam características libertadoras da aprendizagem humana, convém ressaltar o que vem a ser técnica e espaço e em que contexto podem ser entendidos.

A técnica surge pela intenção que o ser humano tem de superar as limitações impostas pelo espaço a que pertence, e na busca de atender às suas necessidades. Como ressalta Pinto (2008, p. 21) “em todos os tempos a técnica foi sempre o modo humano de resolver as contradições entre o homem e a realidade objetiva, e esta função que a define também terá de ser a característica da técnica do futuro”. Nesse contexto o sujeito se vale da observação do ambiente natural na tentativa de (re)conhecê-lo e, a partir do conhecimento adquirido,

dominá-lo e transformá-lo. Se for pela observação que o ser humano tem quando em contato com o meio, isto se dá, como uma aprendizagem de si mesmo, à medida que descobre suas potencialidades e busca os mecanismos naturais para atender aos seus interesses. Para Gohn (1997) isso acontece quando da dominação do ambiente pelo sujeito que se inicia pelo pensamento.

Conforme Pinto (2008), ao procurar caminhos para sobrepor-se às adversidades inerentes ao ambiente natural, valendo-se da abstração na formulação de modelos mentais para entendê-las, antecipá-las e superá-las, o ser humano torna-se capaz de considerar qualquer matéria de seu interesse e manter uma relação de aprendizagem com a natureza e com seus pares sociais.

A técnica consolida a relação do indivíduo com o meio. Na percepção estabelecida pelo contato com as leis da matéria e suas combinações, e também na descoberta da potencialidade de suas habilidades, a pessoa se descobre e supera limites naturais, iniciando um largo processo de transformação da natureza pela modificação de si mesma. Essa relação com o meio é dada pela técnica, que se trata de “um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço”. (Santos, 2014, p. 25).

Evidencia-se, assim, que a presença da técnica fruto das ações humanas ocorre no espaço em que se criam e se ocupam, já que o ser humano é parte e também fabricante do ambiente a que pertence. Este cenário, que se passa num contexto de aprendizagem e de libertação do indivíduo, faz com que o mesmo protagonize ações, construa o seu próprio jeito e modifique o espaço.

A ação do homem sobre a natureza, em consequência da racionalidade como atributo essencial do ser humano, diferencia-o das demais espécies. Segundo Saviani (2007), ao voltar-nos para o processo de surgimento do ser humano se constata que determinado ser natural se destaca da natureza e é obrigado, para existir, a produzir sua própria vida. Assim, diferentemente dos animais, que se adaptam à natureza, os seres humanos tendem a adaptar a natureza a si; agindo sobre ela e transformando-a, ajustando-a às suas necessidades. Para Santos (2014), esse espaço não é estritamente físico e inexistente sem a dimensão social. Se for a técnica a produtora do espaço, é ainda a medida dos valores e do comportamento na atuação humana, uma atuação que acena ao seu próprio agente.

O indivíduo, tendo em vista o auge da ‘civilização tecnológica’, extasia-se diante do que faz. Pela interação técnica que historicamente mantém com a natureza, observa-se que

o ser humano passa a ter um novo campo para reflexão, além do natural. O pensar humano deixa de referir-se apenas a elementos naturais e objetivos, passando também a refletir a produção do seu conhecimento e ao resultado do emprego da técnica desenvolvida e acumulada. O homem é quem inventa a técnica e com isso se encarrega da responsabilidade e das consequências dos atos executados. Dessa forma, na constituição da sua essência e com a incorporação da cultura, a atitude humana cria um legado que outras gerações recolherão e que irá contribuir para possibilitar diferentes tipos de relações de trabalho entre os homens, na tarefa comum de agir sobre a natureza e de organizar a sociedade (Pinto, 2008).

5. INTERAÇÕES EM PROL DA FORMAÇÃO HUMANA TRANSFORMADORA

O homem vale-se da técnica como mecanismo de solução para as contradições vividas com a natureza, libertando-se daquilo que se apresenta como obstáculo para a satisfação plena das suas necessidades. Demonstrados os resultados e experimentados os sucessos advindos de tal iniciativa, a técnica é apreendida e repetida, dada sua realidade prática, no espaço social do qual o sujeito faz parte e interage, tornando-se assim uma referência de soluções para problemas com mesma origem. O processo de aprendizagem, que tem início na percepção individual, recebe contribuições do grupo e do meio, estabelecendo uma conexão que altera o contexto das relações e cria um espaço de interações e transformações. Na visão de Santos (2014) isso ocorre porque o espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como quadro único e histórico.

A interação do ser humano com o espaço social na busca do conhecimento pela educação que liberta é um caminho inevitável. O indivíduo não participa ativamente na história, na sociedade, na transformação da realidade se não for ajudado a tomar consciência da realidade e da sua própria capacidade para lhe transformar (Freire, 2011).

Considerando que o espaço ocupado pelo sujeito é formado pela interação de ações e objetos, Santos (2014) afirma que se de um lado os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações, por outro lado, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. O resultado do trabalho humano é perceptível sobre o sistema de objetos enquanto “as coisas” são um dom da natureza. Deter-se sobre o significado do objeto como um ato técnico e pertencendo a um espaço que ele mesmo criou, torna-se um exercício interessante. Entretanto, fazê-lo à luz da educação

libertadora que pretende conduzir o indivíduo à sua realidade, questionando-a e transformando-a mediante relações que também o modificam, é fornecer ao educando uma ferramenta que altera a forma pela qual vê o mundo, com ele interage e muda.

Sob este olhar, a educação está arraigada na realidade do ser humano, na busca de aprendizados que o levam a um futuro que se pretende melhor e transformador. Essa relação é essencialmente técnica, pois nasce da indagação humana da sua realidade e da possibilidade de transformação do meio mediante a aprendizagem a fim de atender uma necessidade. Pinto (2008) analisa a capacidade de projetar, que é inerente ao ser humano enquanto um processo inovador, à medida que intenciona fazer algo que ainda não conhece, mas necessita.

Segundo Gohn (1997), a adoção da prática da educação não-formal não ocorre com finalidade de negar a escola. A pesquisadora enfatiza a contribuição da educação não-formal como acontecendo fora de tempos e espaços determinados, formando cidadãos para a própria vida e do seu meio, complementando e atingindo aspectos não contemplados na educação formal. Nesta direção indica Neves (2003, p. 23), considerando o cenário da educação superior que prefere tratar de terciária, nível de estudo posterior ao secundário que como salienta a autora atende a “uma mudança de orientação no atendimento da demanda. No lugar de uma hierarquia rígida de cursos, currículos e instituições, tem-se a opção de aprendizagem mais branda, flexível, transparente e interconectada”. Se a educação não-formal tem um caráter complementar e viabiliza um desenvolvimento global no indivíduo, objetiva, portanto, especificamente ao crescimento pessoal e social. Deste modo, tem por escopo o sujeito que projeta o próprio ser pela percepção das coisas e objetos em sua interação com eles, sem deter-se a ambientes e vincular-se a estruturas, potencializando assim sua capacidade de se projetar e se desenvolver.

No contexto da educação, tal conexão, segundo Freire (2011), se dá quando o indivíduo participa ativamente da história, quando toma consciência de sua potencialidade e de sua capacidade de ser e de transformar.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o cumprimento do desenvolvimento pleno do indivíduo, a educação não-formal e a formal devem ser complementares na aprendizagem, cabendo à primeira o atendimento do que a segunda não alcança responder diante das demandas sociais presentes. Para além da multiplicidade de expressões polissêmicas que envolvem o tema e suas terminologias, cabe destacar que a educação atual tem no que se convencionou denominar como educação não-formal uma via que leva o educando ao despertar da consciência de si mesmo e da sociedade, superando o conhecimento orientado à capacitação profissional.

Considerando os conceitos de Santos (2014) e Pinto (2008), relativos ao espaço e à técnica, respectivamente, verifica-se que o espaço em que se dá a educação não-formal viabiliza a inserção do indivíduo na sociedade, fomenta sua consciência crítica e política além de oferecer uma visão ampliada da comunidade que ele ajuda a criar e tem o poder de modificar. Este interesse em descobrir, interagir e, finalmente, modificar o meio, representa uma relação materializada pela técnica, via pela qual o ser humano transforma sua relação com o ambiente e atende às suas necessidades.

Como o agente de sua própria transformação, o ser humano, encontra na educação não-formal um espaço que, por não se limitar à fixação de tempos e locais, tem restrições mínimas e a liberdade necessária para a manifestação plena da capacidade de projetar e inovar inerentes à essência humana. Neste espaço o educando dialoga com suas necessidades e interage com o ambiente que contém os recursos para supri-las. Sem o excesso de formalidade, inibidora potencial da capacidade criativa, a educação não-formal viabiliza um caráter mais criativo e inovador ao sujeito, libertando-o para conhecer a si mesmo e promover uma experiência transformadora da sua realidade.

REFERÊNCIAS

ALVES FILHO, Manuel. *Para saber a diferença entre a educação não-formal e a educação informal*. Jornal da UNICAMP, São Paulo, 13 a 19/ago. p. 12, 2007. Disponível em: http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/jornalPDF/ju367pag12.pdf. Acesso em 07/04/2018.

BRASIL, Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN): Temas Transversais*. Brasília (BRASIL): MEC. 436 p, 1998.

CARNEIRO, Juliana Daros; ROCHA, Maria Silvia Pinto de Moura Librandi. Educação não formal e avaliação: possibilidades, limites e desafios. *Educação Unisinos*, São Leopoldo, vol.17, n.2, pp. 102-113, mai./ago, 2013.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 50 Edição Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GADOTTI, Moacir. A questão da educação formal/não-formal. *Sion: Institut Internacional des Droits de 1^o Enfant*, p. 1-1, 2005. Disponível em: <http://www.ceap.br/material/MAT26052010212813.pdf>. Acesso em 28/08/2018.

GARCIA, Valeria Aroeira. *A educação não formal como acontecimento*. Campinas, 468p. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 2009.

GOHN, Maria da Glória. *Educação não-formal no Brasil: anos 90*. São Paulo, Cidadania/textos, 1997.

_____. *Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativo do terceiro setor*. 2 Edição São Paulo: Cortez, 2001.

_____. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. *Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação*. Rio de Janeiro, vol.14, n.50. pp. 27-38, jan./mar, 2006.

MARANDINO, Martha. Faz sentido ainda propor a separação entre os termos educação formal, não formal e informal?. *Ciência e Educação*. Bauru, n.4 (v. 23): 811-816, out./dez, 2017.

NASCIMENTO, Fátima Nessrala; SGARBI, Antônio Dozietti. *Espaços educativos não formais: uma proposta para o ensino de ciências que tenha como eixo integrador a educação ambiental crítica*. X Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – X ENPEC Águas de Lindóia, SP –24 a 27 de Novembro, 2015.

NEVES, Clarissa Eckert Baeta Neves. Diversificação do sistema de educação terciária: um desafio para o Brasil. *Tempo Social*, São Paulo, vol. 15, n. , pp. 21-44, abr, 2003.

PASSOS, Marinez Meneghello; ARRUDA, Sérgio de Mello; ALVES, Denis Rogério Sanches. A educação não formal no Brasil: o que apresentam os periódicos em três décadas de publicação (1979-2008). *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, Belo Horizonte, vol. 12, n. 3, pp. 131-150, set./dez, 2012.

PINTO, Álvaro Vieira. *O conceito de tecnologia*. Volume 1 Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

RAMOS, Marise. *Concepção do Ensino médio integrado*. Texto apresentado em Seminário promovido pela Secretaria de Educação do Estado do Pará. 8 e 9 de maio, 2008. Disponível em http://forumeja.org.br/go/sites/forumeja.org.br/go/files/concepcao_do_ensino_medio_integrado5.pdf. Acesso em 03/04/2018.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e tempo. Razão e Emoção*. 4. Reimpressão, 8 Edição, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos”. *Revista Brasileira de Educação*. Campinas, vol. 12, n.32, pp. 52-180, jan./abr, 2007.

SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima. Educação não escolar como campo de práticas pedagógicas. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, vol. 96, n.244, pp. 561-576, set./dez, 2015.

SILVA, Rejane Maria Ghisolfi; RÜNTZEL, Patricia Link; FELIPE, P. S.; MÜLLER, Nilvane Teresinha Ghellar. Diálogo de saberes em espaço não formal de educação científica: propostas pedagógicas no ensino de biologia e química. *Revista da SBEnBio - Associação Brasileira de Ensino de Biologia, Rio de Janeiro*, vol. 9, n. 9, pp. 7449-7459, set., 2016.

SPOSITO, Marília Pontes. Juventude e Educação: interações entre a educação escolar e a educação não-formal”. *Educação & Realidade*, Rio Grande do Sul, vol. 33, n. 2, pp. 83-97, ago, 2008.

WAIZBORT, Leopoldo. *Formação, especialização, diplomação: da universidade à instituição de ensino superior*. Tempo Social, vol. 27, n. 2, pp. 45-74, dez, 2015.

Universidade Católica de Petrópolis
Centro de Teologia e Humanidades
Rua Benjamin Constant, 213 – Centro – Petrópolis
Tel: (24) 2244-4000
synesis@ucp.br
<http://seer.ucp.br/seer/index.php?journal=synesis>



DE JESUS, Carlos Silva et al. Reflexões sobre técnica e espaço na educação não-formal. *Synesis*, v. 10, n. 2, 2018. ISSN 1984-6754. Disponível em: <http://seer.ucp.br/seer/index.php/synesis/article/view/1611>
